

EN LA PIEL: CORPO, RESISTÊNCIAS, ENCONTROS E HIBRIDAÇÕES

EN LA PIEL: BODY, RESISTANCES, ENCOUNTERS AND HYBRIDIZATIONS

Valdemir de Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria

Reinilda De Fátima Berguenmayer Minuzzi

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: O videodança *En la piel* foi produzido durante o percurso da pesquisa “Narrações do eu morrente” que investiga processos metodológicos de criação por meio da heurística híbrida. Foram criadas cinco versões durante o período de isolamento social e retorno parcial da convivência devido à pandemia da Covid-19. (Re)liga dois corpos masculinos que naquele momento encontravam-se distanciados, questionando-se sobre a incerteza de um reencontro. A tecnologia das edições uniu o que estava separado. En la piel é sobre corpos, resistências, encontros e hibridações.

Palavras-chave: Arte pandêmica, Vídeodança, processo criativo, hibridação.

Abstract: *The videodance En la piel was produced during the course of the research “Narratives of the dying self” that investigates methodological processes of creation through hybrid heuristics. Five versions were created during the period of social isolation and partial return to coexistence due to the Covid-19 pandemic. (Re)connects two male bodies that at that moment were distanced, questioning themselves about the uncertainty of a reunion. The technology of editions has united what was separated. En la piel is about bodies, resistances, encounters and hybridizations.*

Keywords: *Pandemic art, Videodance, creative process, hybridization.*

Introdução

Motivados pelas questões da pesquisa de doutorado “Narrações do eu morrente” que investiga os processos metodológicos de criação por meio da heurística híbrida a partir de eventos pessoais transmutados para poéticas visuais, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) da Universidade Federal de Santa Maria, RS (UFSM), o videodança *En la piel* materializa em meio digital uma das experiências de criação decorrentes desse contexto de investigação em andamento.

Neste texto, que articula uma estética híbrida de construção entre a rigorosidade metódica da escrita científica e liberdade poética do ensaio, apresentamos uma possibilidade de descrição, análise reflexão e perspectivas primariamente sobre as viabilidades de criação por meio de processos heurísticos hibridizados (VALENTE, 2015). A atenção ao percurso, naquele momento singular, demandou a busca de outros modos de continuidade e resitência.

1. Criação pandêmica: contingências híbridadas

Ainda que o tema do hibridismo e suas variações esteja longe de um ponto propenso a uma síntese frente a nossa convivência – dependência - com a linguagem midiática que o incorpora à sua essência (SANTAELLA, 2003), é mister registrarmos os acontecimentos recentes à luz de tais entendimentos para que, em um futuro próximo, possamos analisar os reais impactos e desdobramentos da condição em que se encontra o mundo dito contemporâneo.

Frente ao contexto pandêmico vivido, um número expressivo de pessoas que, se até o momento ainda não havia efetivamente sido confrontado com as questões do numérico em uma posição de interatividade e operacionalidade efetiva, acabou sendo colocado nessa condi-

ção como desdobramentos das contingências – prioritariamente de saúde pública – pelas quais passamos: isolamento social. Como se instaura o isolamento social em uma sociedade hiperconectada? Parecendo paradoxal, evidenciamos o evidenciado: a coexistência em sociedades virtuais e sociedades “reais”.

Essa condição coloca artistas, produtores, apreciadores em um estado imediato de negociação com processos de virtualização da presença, da interação, que em muitos casos nem sequer haviam sido ponderados, ou ainda, timidamente, estavam em vias de aproximação. Decorre, então, uma migração massiva para o ambiente virtual de inúmeras iniciativas artísticas fomentadas por editais, programas, ou outras instâncias que buscam uma (sobre)vivência na rede. Processos já investigados e outros tantos em ebulição são presenciados, canalizando esforços e reunindo décadas de experimentações em diferentes áreas, agora disponibilizados em larga escala para que os processos não cessem e a arte continue seu processo de manifestação e presença. Evidencia-se a importância da arte na “rotina” social em ambos os universos – real e virtual.

Essa contingência híbrida é eminentemente digital; acontecem em diferentes lugares decretos oficiais de isolamento social e proibição de ocupação de espaços públicos ou mesmo aglomerações de pessoas. Híbrida por lançar mão de todos os artifícios pensados a priori ou não para materializar – virtualizar – projetos e criações artísticas que transitam em vias distintas, mas com um mesmo desfecho: de um lado as criações que não foram pensadas para este espaço da virtualização/digitalização e que estão em busca de processos de fazê-lo de forma a garantir elementos essenciais de sua natureza física/material/técnica e, de outro, aqueles que, por natureza, já estavam nessa sintonia e

agora investem e ampliam seus campos de investigação por meio de novas hibridações para diferenciarem-se ou potencializarem e registram sua presença – serem vistos, encontrados, acessados.

O montante de novas produções artísticas em processos hibridizados nessa conjuntura adere a novas e antigas problemáticas sobre os processos criativos em meios digitais. O artista mesclou-se à rede e ela o convoca à interação em uma multiplicidade de interfaces. Conscientes de que nenhum estado é absoluto, envolvendo todo o conjunto de ações contrárias e discordantes dessa virtualização e que investem na via oposta: da corporificação e materialização do processo, configurando outros estados de presença, produção, veiculação e recepção da arte complexificados pelo espaço aberto da rede, impactando sobre os atos de escolha que tendem a ser decisivos para os rumos a nossa frente. A arte certamente sobreviverá, a rede possivelmente, as obras, algumas e os artistas, nem todos.

2. Deslizamentos, superfícies e resistências

Ainda que a arte seja ato e não discurso (CATANI, 2002), esta provém de uma intencionalidade, ou seja, é formulada inicialmente nos espaços abstratos do pensamento que fazem do corpo ou corpos – materializados ou virtuais – seu lugar de operacionalização/manifestação. Intenta-se dizer com isto que os entendimentos estão para além do texto – hipertexto - hibridizados com outros tempos e espaços cujo desvelamento ultrapassa a capacidade de decodificação destes códigos linguísticos da escrita. “Sente-se” - ou pelo menos nós sentimos - que movimentos foram iniciados e energias puseram-se em operação; o que decorrerá disso ainda está por materializar-se, visto que agora é ato em negociação com as contingências de um

tempo que se faz obscuro.

3. Nomeação dos sentidos: o que sentimos na pele

Realizado entre o período de isolamento social e retorno parcial da convivência devido à pandemia da Covid-19 a criação encontrou necessidade e motivação no desejo de estarmos juntos, de memórias afetivas dos anos de convivência que inspiravam a configurações poéticas.

O conceito da produção versa sobre corpos nos quais se inscrevem e sobrepõem histórias, sentimentos, desejos e a força do tempo que (de)forma o que somos de dentro para fora e de fora para dentro. Como artistas performers nossas existências hibridizam formas de presença sob dimensões éticas, estéticas e poéticas.

A possibilidade de virtualização dos corpos em meios digitais como vetor dinâmico de criação de uma outra realidade elevando à potência da entidade considerada (LEVY, 1998), nós mesmos, estabeleceu-se como mediadora e atenuadora de um estado de incerteza, riscos e fatalidades, enfrentados pelo sentimento do qual é carente a ciência: esperança. A ciência enquanto humana é portadora de sensibilidades.

Imersos nesse ambiente de suspensão e supressão da presença, os corpos visíveis pela sua superfície foram virtualizados e nessa condição tornaram-se permeáveis (LEVY, 1998), nesse ambiente de reflexão sobre o contexto ímpar entendemos esse atravessamento, de que tudo estava sob e sobre a pele. Na média em que se considere que “A virtualização do corpo não é portanto, uma desencarnação mas uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação, uma vetorização, uma heterogênesse do humano” (LEVY, 1998, p. 17).

Para Levy (1998) ao se virtualizar o corpo se multiplica efeito que seria explorado e intensi-

ficado na produção como uma maneira de encontros com as múltiplas formas de sermos no não-tempo e no não lugar, de modo que as imagens sobrepostas interagem entre si em um circuito que se abre para os olhos do espectador tornando-se “o produto de alguma forma vivente da tela e igualmente dos dedos, da retina e do pensamento do observador; ela é o produto de uma surpreendente hibridação da carne, de símbolos e de silício” (COUCHOT, 2003, p. 08).

(Re)ligando dois corpos masculinos que se conectaram em outro tempo no Norte do Brasil e, naquele momento, encontravam-se distanciados, questionando-se sobre a incerteza de um reencontro e a finitude de suas existências nascia *En la piel*.

As ideias trocadas em ambientes virtuais (Figura 1 e 2) sinalizava os caminhos possíveis para aquela criação: sua virtualidade. Um encontrava-se em Santa Maria/RS/Brasil, isolado, distanciado, em condição sincrônica com grande parte do globo, o outro encontrava-se na cidade de Buenos Aires/Argentina. Mais próximos do que as distâncias anteriores entre Manaus/BR e Argentina certamente, no entanto impossibilitados de aproximação por um tempo que indeterminado configurava-se como sentença de eternidade.

Para Couchot (2018, p. 277) “A interação, a troca entre organismos e o mundo produz a realidade, a realidade só é realidade porque ela é ‘experiência’”, e naquele instante a configuração da realidade encontrava-se caótica e de difícil prospecção. Mas é da consciência criadora dessa experiência que emergiu o trabalho, como resposta dos sentimentos e condições dos corpos. A heurística procedimental do artista pesquisador investe na hibridação de procedimentos para a concretização do projeto que encontra nas tecnologias digitais artifícios para a união do que estava separado entendendo-se que “A experiência jamais produz indiferença” (COUCHOT, 2018, p. 280).

Em um movimento de desdobramento em rede as imagens indicaram a possibilidade de uma exploração continuada de sua existência que, visto em retrospecto, pode ser lido como uma sinalização do desejo de continuidade e duração em oposição a efemeridade da vida posta em evidência em toda sua força. Cinco variações, súteis, preencheram meses da incerteza presente, enquanto ao nosso redor nada indicava o cenário futuro, outrossim uma realidade adoecida. O vídeo de desdobra em formas, cores e outros sentidos construindo e constituindo-se como a narração – do eu morrente



Figuras 1 e 2. À esquerda: Captura de tela de telefone, conversas sobre a criação. À direita: Captura de tela de vídeo, estudos para gravação, Buenos Aires/AR. (Fonte: Acervo do artista pesquisador)



Figuras 3, 4 e 5. À esquerda: Captura de tela de vídeo, <https://vimeo.com/410485086>, vermelho. No centro: Captura de tela de vídeo, <https://vimeo.com/410485086>, amarelo. À direita: Captura de tela de vídeo, <https://vimeo.com/410485086>, azul. (Fonte: Acervo do artista pesquisador)

– de um tempo vivido, registrado, virtualizado e poetizado enquanto criação. Ainda que “a conduta criadora não poderia ser repetitiva, mas a novidade não é um critério de criação (PASSE- RON, 1997, p. 109), o processo explorava formas de se ver, sentir, estar e conviver: cor/po/afeto.

Vermelho, amarelo e azul (Figura 3, 4 e 5) primárias, remontam a origem, ao princípio ao mesmo tempo que a continuidade pela possibilidade de combinações, múltiplas existências e geração de um outro, distinto, mas portador de fragmentos; cada vídeo como resposta a estímulos (REY, 2002).

Dentre as opções técnicas o espelhamento nos diz sobre o tempo vivido, isolados em nossa própria presença e a possibilidade de nos vermos em um outro modo/tempo sob aspectos que a aceleração do mundo contemporâneo nos furta ou nos instiga a abrimos mão (HAN, 2017), há uma reflexão sobre nossas identidades e,

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis, e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005, p. 17).

Articulando espaços geográficos no tempo virtual, Buenos Aires/AR, Santa Maria/RS e Curitiba/PR imagens de corpos digitalizados provenientes de países diferentes foram manipuladas em Curitiba por um outro cuja ausência e evidência da impossibilidade do encontro também afetava e nutria a criação. Indo e vindo pelos canais cibernéticos que substituíram o toque das superfícies da pele, os arquivos foram se transformando e se carregando das intencionalidades e sentimentos que o processo engendrava. Enquanto contexto de criação, mais do que a obra em si, é a experiência de criação que a singulariza e lhe dá substrato de existência, “a virtualização é sempre heterogênesse, devir do outro, processo de acolhimento da alteridade” (LEVY, 1998, p. 12) ou ainda “A arte é o produto de uma distância” (BORRIAUD, 2009, p. 60).

Quanto a edição pela sobreposição das mesmas imagens em temporalidades e velocidades distintas indica a transição, a mutabilidade e o instante, uma metáfora da dinâmica cambiante da existência. Nossa pele se modifica, se renova, envelhece e desaparece. Somos construções de nossas experiências em nossos contextos ou ainda, “A realidade assim como a virtualidade, compartilha a idiossincrasia de serem construções dependentes do observador e da sociedade” (GIANETTI, 2006, p. 153).

O ciclo, ainda que não seja intensão a completude, é apresentado em azul. Em uma realidade

frágil, sob riscos atenuados mas ainda presentes, em um breve encontro, um cruzamento de caminhos e proximidades de corpos, em seu percurso de retorno para perto dos seus - Manaus/AM - celebramos, am azul da cor do céu que de uma forma ou outra nos envolvia na distância e na sua potência em uma variação da citação de Levy (1998) de que a árvore estaria virtualmente na semente, todos os olhares estão virtualmente na onipresença de um céu, bastando inclinarmos a cabeça e a ele nos direcionarmos.

Esta última versão, *En la piel 5.0*, permite a construção da memória física, da experiência tácita, das peles em contato, onde “tal proximidade implicaria em um momento de formação da obra – uma cumplicidade quase absoluta, quase que superposição das matérias expressivas verbais e visuais (BAUSBAUM, 2007, p. 30-1).

5. Conclusão

Desde os aspectos filosóficos de abordagem da subjetividade humana podemos encontrar uma sorte de questionamentos sobre sua estruturação e relação ou não com o meio contextual em que o sujeito encontra-se inserido, não obstante, a partir do avanço tecnológico, a mencionar a fotografia, as questões de representação e simulação complexificaram-se de tal maneira que se tornou até mesmo difícil seu acompanhamento e atualização em decorrência do aumento exponencial da velocidade de novas variáveis, sejam elas de natureza técnica ou conceitual, que são inseridas nesse contexto, desestruturando ou reordenando “sistematicamente” os modos de relação e relacionamento entre os homens e as máquinas.

Modos de agir são alterados pela mediação e substituições da própria presença física fomentada pela gama de recursos disponíveis, realocando a dimensão do eu individual e do eu cole-

tivo, imerso não mais em “uma” sociedade, mas sujeito que pertence a distintos lugares. Essa manifestação do eu com distintas possibilidades de aparição parece ter desestabilizado as próprias convicções de realidade e como indicam os autores, são sujeitos cuja subjetividade está contaminada pelo domínio do “numérico”.

Essa nova hierarquia sensorial (COUCHOT, 2003), programável tensiona a noção de individualidade e coletividade, induzindo a um compartilhamento de subjetividades ainda que não explícitas, a não ser pela reflexão de que o “universo numérico” no qual estamos inseridos foi em algum momento programado por um sujeito, que induz procedimentos e caminhos ao mesmo tempo que é por esta atividade também induzido (COUCHOT, 2003).

Nessa estrutura de pensamento chegaremos ao “sujeito traspassado pela interface” (COUCHOT, 2003), esta como elemento possuidor de uma concretude, exterioridade, distinta do sujeito a ponto de por ele poder atravessar, de maneira que, neste processo, certamente ambos saem modificados.

Como artista pesquisador, cada texto lido, tal como as teorias por eles investigadas, nos atravessam e nos modificam na mesma medida em que não sendo originários deste tempo cronológico os “atualizamos” enquanto presença neste campo de criação/reflexão. Essa circularidade do pensamento criativo tem no contexto, nas experiências vividas pelo sujeito artista sua força motriz que tanto impulsiona com é impulsionada pelo ato de criar pelo sentido de que “a arte não é arte em função de critérios absolutos, mas pelo fato de ela ser vivida (...) de repercutir o ser” (COUCHOT, 2018, p. 277).

O exercício de narração de um processo criativo que se desvela em percurso heurístico hibridizando a própria história da existência persegue uma condição de arte na acepção do

encontro onde a “A arte reencontra então a ciência com a qual compartilha a mesma finalidade: melhorar a compreensão dos mundos nos quais vivemos” (COUCHOT, 2018, p. 293).

Na pele inscreveu-se o contentamento de sermos o que podíamos ou desejávamos ser numa tríade de existências: eu, tu, nós. En la piel é sobre corpos, resistências, encontros e hibridações. Um que é feito de muitos.

Referências

- BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CATTANI, Icleia Borsa. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero** – metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 35 - 50.
- COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte**: da fotografia à realidade virtual. Tradução de Sandra Rey. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.
- COUCHOT, Edmond. As condutas estéticas como experiências vividas. In: **A natureza da arte**: o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético. São Paulo: Unesp, 2018. 271-277.
- GIANNETTI, Cláudia. **Estética Digital**: Sintopia da arte, a ciência e a tecnologia. Tradução de Maria Angélica Melendi. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- PASSERON, René. Da estética à poética. Porto Alegre, RS, nov. 1997. In: **Revista Porto Arte**, Porto Alegre, n. 15, V. 8. p. 103-116, nov. 1997.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em arte. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero** – metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123 – 140.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

VALENTE, Agnus. Heurística híbrida e processos criativos híbridos: uma reflexão sobre as metodologias da criação no contexto do hibridismo em artes. In: FIORIN, Evandro; LANDIM, Paula da Cruz; LEOTE, Rosângela da Silva (Org.). **Arte-ciência**: processos criativos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. (Coleção PROPe Digital - UNESP). ISBN 9788579836244. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123646>. Acesso em: 23 jun. 2020.

Valdemir de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0003-0066-5208>

Doutorando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Pesquisa dança, artes visuais, performances, arte e mediações tecnológicas e videodança.

Reinilda De Fátima Berguenmayer Minuzzi

<https://orcid.org/0000-0002-0490-1258>

Doutora em Engenharia de Produção e associada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Pesquisa as relações entre arte, design e tecnologia.